

Armas nucleares na Coreia do Norte

A ameaça de confrontação militar na Coreia é acompanhada por uma história tão simples como enganadora. A narrativa mais difundida é que um regime ditatorial malicioso em Pyongyang tem sido determinado há décadas a obter armas nucleares. Os meios de comunicação internacionais têm sido responsáveis pela divulgação e desenvolvimento de notícias sobre a irresponsabilidade da Coreia do Norte. Como sempre, a história que conduz à atual crise é mais complexa.

É verdade que o regime de Pyongyang manteve uma posição militar belicosa como elemento dissuasor e que o seu braço militar foi um elemento fundamental para perpetuar o regime. Dispõe atualmente de um poderoso exército convencional e de um programa de armamento nuclear que inclui esforços para miniaturizar bombas e desenvolver mísseis de médio alcance. Estes últimos componentes são o principal foco de atenção da administração Trump, que grita em alto e bom som que a imprudência de Pyongyang só pode ser detida com sinais de firmeza.

No entanto, a experiência mostra que o projecto nuclear da Coreia do Norte pode ser travado através de esforços diplomáticos. Mostra também que os partidários da linha dura em Washington têm dificultado as possibilidades de aproximação e normalização das relações.

Em 1994, a administração Clinton assinou um Acordo-marco com Pyongyang, segundo o qual a Coreia do Norte congelaria o seu incipiente projeto nuclear em troca de concessões diplomáticas e econômicas dos Estados Unidos. Em especial, o acordo previa que a central nuclear de Yongbyon seria encerrada e sujeita a inspeções internacionais. Hoje estima-se que, sem esse acordo, a Coreia do Norte teria mais de cem bombas nucleares.

A implementação do acordo avançou muito lentamente, mas em 2000 uma delegação de Pyongyang visitou Washington e os dois países emitiram um comunicado conjunto no qual se comprometeram mutuamente a não manter intenções hostis. Nesse mesmo ano, Clinton enviou a sua Secretária de Estado, Madeleine Albright, numa visita oficial a Pyongyang. Uma visita histórica do presidente dos EUA à Coreia do Norte estava sendo planejada.

As coisas mudaram com a chegada de George W. Bush a Washington. A declaração de intenções hostis não foi confirmada e o Acordo-marco foi relegado para segundo plano. Em 2002, Bush incluiu a Coreia do Norte na lista de países que formaram o eixo do mal (junto com o Iraque e o Irã). Além disso, Washington cancelou o Acordo-marco argumentando que Pyongyang continuou a embarcar em um programa para adquirir armas nucleares.

A guerra no Iraque e a doutrina da mudança de regime promovida por Bolton, Cheney e Rumsfeld convenceram os norte-coreanos do caminho a seguir. Bolton decidiu que Pyongyang deveria tirar as devidas lições da guerra no Iraque. E, com efeito, a hierarquia norte-coreana prestou-lhe atenção: a aceleração do programa nuclear seria o pilar de uma política de dissuasão.

Em 2004, a diplomacia chinesa convenceu os Estados Unidos, o Japão, a Rússia e as duas Coreias a iniciar negociações entre as seis partes. Em Setembro de 2005 foi alcançado um acordo, mas no mesmo mês o Departamento do Tesouro anunciou que um banco em Macau, o Delta Bank Asia, era culpado de operações de lavagem de dinheiro e puniu-o com pesadas sanções financeiras. Esse banco tinha numerosas contas do regime norte-coreano e a irritação em Pyongyang levou ao fim das conversas entre os seis e a propor negociações para resolver a questão do Delta Bank Asia. Washington rejeitou a proposta e pediu a outros países que intensificassem as sanções contra Pyongyang. Em 2006, a Coreia do Norte realizou o seu primeiro ensaio nuclear.

A China tentou reavivar as conversações dos seis em 2007, para chegar a um novo acordo. No entanto, os falcões de Washington exigiram um regime de inspeção rigoroso que Pyongyang rejeitou. Hoje, a Coreia do Norte considera as suas armas nucleares não negociáveis e elevou-as à categoria constitucional. Talvez o processo nuclear na Coreia do Norte tivesse seguido um rumo diferente se a via diplomática tivesse sido consolidada.

Trump indicou recentemente que estaria disposto a encontrar-se com Kim Jong-un, o líder norte-coreano. É possível que a tática do presidente dos EUA hoje possa incluir algum tipo de abertura para medir a reação de seu adversário. Mas as condições para tal reunião incluem a aceitação de Pyongyang em desmantelar seu programa nuclear. Essa é uma condição inaceitável para a Coreia do Norte.

É aconselhável não esquecer que, durante a Guerra da Coreia, os bombardeios da Coreia do Norte atingiram extremos sem precedentes. Mais de 635 mil toneladas de bombas foram lançadas em seu território (em comparação com as 503 mil toneladas usadas pelos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial em todo o teatro do Pacífico). A própria Força Aérea dos EUA reconhece que a destruição ao norte do paralelo 38 foi pior do que a do Japão no final de 1945. Ninguém na Coreia do Norte se esqueceu desse bombardeio.